



## NÓS-UP deseja ao Povo Trabalhador Galego umha boa passagem de ano e encoraja a continuar a luta

---

NÓS-UP :: 01/01/2015

NOS-UP desea al pueblo trabajador galego un buen paso de año y continuar la lucha.

O ano 2015 acaba sem que as tendências do ano anterior se corrigiram em qualquer sentido, com um acelerado processo de destruçom do nosso país.

Continua a destruir-se emprego, com centros de trabalho a fechar e empresas outrora acarinhadas polas administraçoms que hoje se fugam do solo galego.

Apenas a luta obreira pode parar esse processo de deslocalizaçoms.

Recentemente assistimos a um novo episódio relacionado com esse processo, com o ERE de extinçom que pretendia apresentar Alcoa para fechar a sua fatoria na Corunha. A pressom dos trabalhadores parou o iminente fechamento da fábrica, mas este nom é o final da luta. Alcoa na Corunha leva anos vendo como se depauperam as condiçoms de trabalho e já nom é a primeira vez que a multinacional proprietária do complexo ameaça com fechá-lo. O problema estrutural que supom o preço da energia continua aí, sem que se lhe dea umha soluçom política. Umha questom diretamente relacionada com a nossa falta de soberania política e com o espólio dos nossos recursos naturais. A energia produz-se aqui e os prejuízos do processo de transformaçom dessa energia sofrem-se aqui, sem que isso se tenha em conta à hora de desenhar as tarifas para empresas e pequenos utentes. Isso gera destruiçom de emprego e pobreza energética.

Nom há que esquecer também a difícil situaçom do setor naval, tanto público como privado. Os estaleiros da ria de Ferrol están em fase terminal, sem carga de trabalho depois de que a Junta encenasse umha cerimónia da confusom a conta do famoso contrato com PEMEX. O horizonte da desapareaçom continua a ver-se próximo para o naval ferrolano. Por enquanto, é claro que a carga de trabalho prevista para os próximos anos nom alcança o total dos trabalhadores e trabalhadoras do setor. Por seu turno, os estaleiros privados do Sul están a ser vítimas da competência desleal asiática e o mais emblemático dos estaleiros vigueses, Barreras, foi vendido a preço de saldo, com intervençom pessoal do Presidente da Junta ao grupo Pemex. A deslocalizaçom é umha ameaça certa.

As agressoms ao meio natural também som umha frente aberta no processo de desestruturaçom do País. As rias, outrora umha fonte de riqueza excecional, som espaços diretamente agredidos pola indústria de enclave e vítimas do crescimento urbanístico desordenado das últimas décadas, sem que as administraçoms autonómica e estatal concedam a menor prioridade à sua recuperaçom. Essa recuperaçom geraria emprego de maneira rápida e massiva, a medida que se regenerasse a biodiversidade dos estuários. Especial gravidade reveste a situaçom das rias do Burgo, Ferrol e Ponte Vedra. Neste último caso, a Junta está a tentar prorrogar por mais meio século a licença para a fábrica de celulose, umha decisom política que hipotecaria a recuperaçom da pesca e o marisqueio na zona e que ameaça a segurança e a saúde pública da vizinhança da cidade do Lérez. No caso das rias de Ferrol e do Burgo, a ausência de um roteiro para a sua recuperaçom fecha

a viabilidade de alternativas de emprego perante a desindustrialização.

A privatização do monte e a desapareção da floresta autóctone também são uma realidade relacionada com a venda da Galiza “ao melhor postor”. A Junta legisla em matéria de solo em favor da introdução de espécies destinadas à produção rápida e massiva de madeira e derivados, além de facilitar outros usos industriais ou imobiliários. Os usos comunais do monte ficam desprotegidos e de facto caminha-se para a liquidação do monte comunal. A desapareção do agro e da pecuária, portanto a desapareção do rural como o conhecíamos até há pouco, é o resto. É um processo que se acelera com o terrorismo ambiental dos incêndios provocados, que sempre marcam o começo do verão.

Em matéria ambiental, está a constituir uma luta importante a desenvolvida contra a megaminação. As vitórias populares em Corcoesto e Triacastela devem guiar o caminho numa luta mais global, que na Galiza se focaliza no derrubamento do Plano Mineiro, uma das maiores agressões ambientais que se recordam na história da nossa nação. Os cantos de sereia de futuros postos de trabalho devem ser contrarrestados com a fácil demonstração da sua incompatibilidade dessa atividade com outras mais tradicionais e mais harmónicas com o meio.

As mulheres são um setor especialmente punido pelo quadro de opressão nacional desde sempre. A feminização do desemprego e a pobreza formam uma das estampas principais deste cenário. Junto com estes elementos, devemos acrescentar uma legislação sobre o aborto claramente atentatória contra os direitos reprodutivos da mulher e o incremento exponencial da violência patriarcal. A crise também traz estas consequências. O povo trabalhador galego deve fazer sempre própria a luta pela libertação de género e, dentro disso, o combate contra os crimes machistas. As mulheres são companheiras na luta e não bodes expiatórios da frustração que cria este contexto de sobre-exploração, precariedade e desemprego.

As políticas contra o povo devem ser paradas com luta nas ruas. A reforma laboral, a privatização do ensino e da saúde, os tratados UE-EUA, só podem ser tombados na rua, e não pode depender a sua derrota de resultados eleitorais. Igual que no 2002 foi a luta operária a que derrotou o “decreto” de Aznar, uma luta sustentada e decidida da classe trabalhadora terá que ser a que derrote este desmantelamento passo a passo dos serviços públicos, dos direitos sociais e das conquistas de classe.

O flanco nacional não deve ser abandonado. Os problemas sociolaborais que padecemos são algo mais do que conjunturais. Que tenhamos uma taxa de desemprego das mais elevadas do Estado espanhol, que os salários e as pensões sejam dos mais reduzidos nesse mesmo contexto, que a nossa juventude emigre, tem além de causas conjunturais, umas inequívocas raízes estruturais. A falta de soberania para ordenar a nossa economia, as nossas políticas sociais, o nosso sistema tributário, o nosso sistema de infraestruturas de comunicação, têm uma relação direta com o nosso empobrecimento.

Devemos assinalar também o trágico caminho para a desapareção que leva a nossa língua, junto com os demais traços da nossa identidade. Os últimos inquéritos sociolinguísticos realizados pela RAG e pelo IGE apresentam uns dados verdadeiramente preocupantes com destaque para um dado absoluto que nos indica qual é a tendência indissimulada: pela

primeira vez na história, os falantes monolíngües em galego som minoria. Evidentemente a tendência vem de muito tempo atrás, mas os anos de mandato de Feijó contribuírom para a acentuar. O tratamento do galego no ensino como um problema, como um elemento de divisom da sociedade, provocando o confronto direto entre maes e pais ou mesmo entre trabalhadores e trabalhadoras do ensino ou entre alunado, fiço inclusive cair o prestígio social da língua própria da Galiza. A nossa língua nacional é um elemento inegociável de identidade e também o deve ser de coesom. Como dixo Castelao: “Somos galegos e galegas por obra e graça do idioma”. Perder a língua significaria a perda do projeto nacional e do projeto social, e seria a antessala da perda mesmo física da Naçom.

O 2015 deve ser o ano em que o conjunto da esquerda patriótica, o nacionalismo e o independentismo sem excepçons, aposte por decisons estratégicas, chegou o momento de refundar-se. Precisamos abrir um processo de debate e reflexom sem límites nem condicionamentos.

Obviar a necessidade de criar o pólo patriótico rupturista é condenar o nosso projeto nacional a sua derrota estratégica.

Aguarda-nos pois um ano de luitas complexas e intensas, que terám lugar na rua, nos bairros, nos centros de trabalho e de ensino, e necessitamos de todas e todos e cada um de nós para combater e vencer.

Nom queremos finalizar sem transmitir o nosso apoio e calor às e aos presos políticos galegos, assim como às suas famílias e amizades.

Reclamamos a sua liberdade e desejamos a sua volta para a Pátria da que fôrom injustamente arrancad@s polo Estado opressor.

**Viva Galiza independente, socialista e nom patriarcal!**

**Direçom Nacional de NÓS-Unidade Popular**

---

<https://galiza.lahaine.org/nos-up-deseja-ao-povo>